

## **A (de)colonialidade do saber: reflexões críticas sobre a regulação e a normalização da escrita acadêmica**

*La (des) colonialidad del conocimiento: reflexiones críticas sobre la regulación y normalización de la escritura académica*

**Alexandra Batistela Ferreira<sup>1</sup>**

**Gilmara Machado Souza<sup>2</sup>**

### **Resumo**

Este artigo tem como foco promover uma reflexão crítica sobre a regulação e a normalização da escrita acadêmica, elementos constituintes e constituidores da produção dos gêneros científicos. Além disso, busca problematizar o modelo eurocêntrico que se instaurou no campo e na comunidade discursiva acadêmica pelo viés da colonialidade do saber, de forma a impedir e limitar o acesso e a permanência dos que desejam pesquisar nesse meio. Acredita-se que, por meio dessas discussões, sejam compreendidos o contexto da colonialidade e os movimentos de decolonialidade do saber no espaço acadêmico; na expectativa da insurgência de uma escrita acadêmica aberta e fluida que promova e reconheça outras formas de conhecimento. Desse modo, as intenções desse estudo não residem somente no intuito de compreender os dispositivos de controle impostos à escrita acadêmica, mas, também no objetivo de oferecer uma contribuição no sentido de que se pense uma escrita autêntica e livre, portanto, mais democrática e humanizada. Para esse fim, entende-se que a análise e a construção teórica, podem servir para motivar um movimento de transformação da realidade, na qual geralmente prevalece a violência epistêmica provocada pela rigidez e pela fixidez de padrões impostos à escrita acadêmica, para uma nova práxis.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; Campo e comunidade acadêmica; Regulação e normalização; Colonialidade do saber; Decolonialidade e insurgência.

### **Resumen**

Este artículo se centra en promover una reflexión crítica sobre la regulación y normalización de la escritura académica, elementos constitutivos y constituyentes de la producción de géneros científicos. Además, busca problematizar el modelo eurocéntrico que se instauró en el campo y en la comunidad discursiva académica a través del sesgo de la colonialidad del conocimiento, a fin de prevenir y limitar el acceso y permanencia de quienes deseen investigar en este entorno. Se cree que, a través de estas discusiones se comprende el contexto de la colonialidad y los movimientos de descolonialidad del conocimiento en el espacio académico; en la expectativa de la insurgencia de una escritura académica abierta y fluida que promueva y reconozca otras formas de conocimiento. De esta forma, las intenciones de este estudio no residen solo en comprender los dispositivos de control impuestos a la escritura académica, sino también en el objetivo de ofrecer un aporte para pensar en una escritura autêntica y libre, por tanto, más democrática y humanizada. A tal efecto, se entiende que el análisis y la construcción teórica puede servir para motivar un movimiento de transformación de la realidad, en el que prevalezca la violencia epistémica generalmente provocada por la rigidez y la fijación de estándares impuestos a la escritura académica, para una nueva praxis.

---

<sup>1</sup> Mestranda no PPG-IELT/UEG; Goiânia, Goiás, Brasil; alexandrab.planeta@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda no PPG-IELT/UEG; Goiânia, Goiás, Brasil; gylmara\_mc@hotmail.com.

Palabras clave: Escritura académica; Campo y comunidad académica; Regulación y estandarización; Colonialidad del conocimiento; Descolonialidad e insurgencia.

## **Introdução**

Este artigo busca desvelar alguns aspectos e movimentos da colonialidade e decolonialidade do saber manifestos na esfera acadêmica. Além da dinâmica dos regimes de controle que perpassam a escrita acadêmica. Inicialmente investiga como o projeto da modernidade foi estabelecido no campo acadêmico, espaço cujo objetivo principal é o monopólio do saber (BOURDIEU, 1996; 2011), na forma de colonialidade desse saber, dando origem a uma espécie de geopolítica do conhecimento (BALLESTRIN, 2013).

Em seguida, propõe identificar os dispositivos de regulação e normalização da pesquisa, mais especificamente da escrita acadêmica e problematizar o fato de que, possivelmente, o modo de operação desses dispositivos fortaleçam o modelo colonial de construir, relatar e disseminar o conhecimento. Portanto, esse estudo se torna relevante à medida que questiona o referido modelo e por tentar ampliar a possibilidade de que novas formas de saber sejam valorizadas e validadas em sua expressão e sentido, promovendo maior integração daqueles que se encontram à margem do campo acadêmico e que são relegados à condição de inferioridade.

Por fim, visa constatar a necessidade da insurgência de uma nova escrita acadêmica, num movimento decolonial, em que essa escrita acolha e promova novas formas e expressões do conhecimento. Para isso, o pensamento norteador se baseia na concepção apresentada por Lima e Lima (2019, p. 4-5) de que “uma proposta decolonial, implica, por um lado, construir um novo lugar para os saberes e identidades hierarquizadas e subalternizadas pela colonialidade e, por outro lado, novos modos de proceder e novos modos de discursar sobre a realidade e sobre a vida”.

## **Metodologia**

Este trabalho situa-se no bojo das pesquisas em Linguagem e Práticas Sociais, mais especificamente da Análise Crítica do Discurso e do Texto, e está vinculado ao projeto macro dos pesquisadores Lima e Lima, 2019: Decolonialidade e insurgências nas práticas discursivas acadêmicas: novos modos de produção, registro e mediação da escrita acadêmica.

Partindo desses apontamentos e, considerando a área social do conhecimento à qual pertence esse projeto – Ciências Sociais e Humanidades, a metodologia adotada situa-se no paradigma da pesquisa qualitativa, uma vez que, “a pesquisa qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e das relações humanas” (MINAYO, 2002, p. 22). Quanto ao procedimento técnico para obtenção dos dados, a base é constituída por meio de pesquisa bibliográfica, a partir do levantamento de referências teóricas e de uma revisão da literatura sobre a colonialidade do saber marcada na escrita dos gêneros acadêmicos e os possíveis caminhos para a decolonialidade desse espaço.

A fundamentação teórica para a contextualização do campo acadêmico baseia-se na noção de campo social de Bourdieu (1996; 2011) que o define como sendo uma “réplica do grande mundo social”, por possuir as mesmas condições organizacionais, mas, que atuam de forma autônoma de acordo com seus agentes e respectivas posições, objetivos específicos, *habitus* e forças externas. Desse campo, se originam microcampos diversos, inclusive o acadêmico, que se desdobra em comunidades discursivas, nas quais são estabelecidos dispositivos de regulação e adotados instrumentos de normalização para a pesquisa científica e

suas formas retórico-estilísticas, expressas na escrita acadêmica. Um ponto chave que atravessa toda essa discussão, é a colonialidade do campo e de sua práxis pautada na hegemonia eurocentrada, que hierarquiza e sucumbe, validando grupos e discursos específicos e subalternizando outros tantos.

Para problematizar a regulação e a normalização da escrita acadêmica, fundamentadas nos pilares da colonialidade do saber, são utilizados principalmente os textos de Nascimento (2014), Souza e Nascimento (2018), Riolfi e Andrade (2009). As normas para produção de trabalhos acadêmicos estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) também compõem a base de dados. São ainda consultados tradicionais Manuais de metodologia de pesquisa, cujas premissas são a neutralidade e a objetividade como critérios de cientificidade. Esses manuais e normas tornam-se base para questionamentos no que tange ao cenário aqui apresentado, no qual a forma tem mais valor que o conteúdo.

## **Resultados**

Os resultados dessa reflexão revelam a necessidade de reconhecer novas formas de “produzir conhecimento”, as quais têm emergido de movimentos em diversas áreas do campo acadêmico e do universo da escrita, numa concepção de decolonização. Nesses movimentos, padrões são questionados, grupos minorizados começam a ter vez e voz constituindo um contexto de insurgências o que, na prática, significa

[...] problematizar a academia do ponto de vista de suas políticas da linguagem ou, mais concretamente, do ponto de vista das modalidades de leitura e de escrita que privilegia e que proíbe. [...] problematizar o modo como as políticas da verdade e as imagens do pensamento e do conhecimento, dominantes no mundo acadêmico, impõem determinados modos de escrita e excluem outros (LARROSA, 2003, p. 102).

Fica explícita também a relevância de se realizar e explorar pesquisas no âmbito do estudo dos gêneros acadêmicos que apresentam insurgências na forma estilística, composicional ou de mediação, decorrentes dos estudos decoloniais. Essas, por sua vez, permitirão que, através de uma escrita acadêmica decolonizada, hierarquias sejam quebradas, discursos sejam desconstruídos e os saberes sejam democratizados.

## **Conclusão**

A atmosfera acadêmica, com os pilares coloniais sobre os quais é concebida, faz com que as interfaces da identidade de seus participantes sejam reduzidas a apenas uma: a de acadêmico/universitário. Isso se dá justamente devido aos parâmetros de regulação e critérios de cientificidade aos quais está submetida a universidade com vistas ao reconhecimento e à boa reputação. Por isso, a diversidade ou qualquer forma de resistência e de insurgência são, geralmente, silenciadas por meio de padrões de conduta estabelecidos com base em parâmetros ocidentais de pesquisa e de escrita acadêmica.

Mesmo não tendo esgotado o assunto, torna-se fácil perceber que a democratização do ensino superior ocorre apenas na tessitura superficial da lei, prevalecendo no campo acadêmico a segregação por modelos e práticas cristalizadas de um modo eurocentrado de se construir o saber.

Chegamos então a uma indagação no sentido de pensar se não é chegada a hora de ir além das análises e críticas aos moldes da escrita acadêmica, e buscar formas efetivas de intervenções que promovam transformações e a decolonização do saber nas práxis do campo acadêmico ao apresentar e validar saberes outros ao dar voz àqueles que se encontram no limite desse padrão eurocêntrico de se produzir, legitimar e socializar ciência.

Por fim, acreditamos ter lançado luz sobre a escrita acadêmica sob um novo ângulo, o ângulo da criticidade aos seus formatos prontos e acabados. Porém, o que tentamos defender não é a eliminação dos elementos reguladores dessa escrita, mas sim o rompimento dos mesmos com interesses alheios ao campo acadêmico e com padrões rígidos e inflexíveis ditados pelo mercado e por uma cultura, mais do que nunca, tão distante da nossa; num movimento denominado desprendimento epistemológico. O reconhecimento da diversidade, a igualdade de direitos, a valorização das histórias de vida e o acolhimento ao indivíduo, certamente podem tornar a academia um verdadeiro espaço do saber autêntico, democrático e justo.

### **Referências**

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista brasileira de ciência política*, n. 11, p. 89-117, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 5, p. 193-216, 2011.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*, v. 28, n. 2, 2003.

LIMA, Sostenes Cezar.; LIMA, Priscila. M. R. *Decolonialidades e insurgências nas práticas discursivas acadêmicas* [Projeto de Pesquisa]. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

NASCIMENTO, André Marques. Geopolíticas de escrita acadêmica em zonas de contato: problematizando representações e práticas de estudantes indígenas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 53, n. 2, p. 267-297, 2014.

RIOLFI, Claudia Rosa; ANDRADE, Emary. Ensinar a escrever texto acadêmico: as múltiplas funções do orientador. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 48, n. 1, p. 99-118, 2009.

SOUZA, Naiara Cristina Santos de; NASCIMENTO, André Marques do. Apontamentos críticos sobre a colonialidade do saber: em defesa da pluralidade na construção do conhecimento. *Articulando e Construindo Saberes*, v. 3, n. 1, 2018.